



Meu

Tipo Inesquecível

John Wesley Noble

EMERY NOBLE pertencia a uma raça forte mas que está desaparecendo: a dos antigos avaliadores de madeira do Noroeste do Pacífico dos Estados Unidos. Homem de 1,83 m de altura, ombros largos, no vigor da idade, penetrava fundo na mata, sozinho, com o machado na mão e a mochila às costas, para calcular a quantidade de madeira de determinado trecho e o respectivo valor provável. Nada escapava aos seus penetrantes olhos castanhos—nem a truta em sua lagoa sombria, nem o rasto de um puma—e o brilho dêles indica que ainda hoje, aos 76 anos, êle seria capaz de calçar suas botas ferradas e sair nos 2.112 passos por milha dos avaliadores de madeira.

As terras selvagens que êle um dia percorreu em suas avaliações são hoje as prósperas fazendas e pequenas cidades da parte ocidental dos Estados de Washington e Oregon; a madeira das grandes balsas de toros que mediu no Rio Colúmbia ajudou a construir casas e igrejas pelo mundo inteiro; as mudas de choupos do Canadá que plantou ao longo do Rio Willamette foram parte dos primeiros esforços de reflorestamento no Oeste Norte-Americano.

Para mim, seu filho, êle encarnava as duras qualidades

de caráter do madeireiro: coragem, iniciativa, persistência. Desprezava os falsos e frouxos, e nunca vi um pai espancar um filho com mais força.

Quando eu era menino, numa noite em que estava arrancando mariscos com êle, deixei meu casaco de lã em cima de um tronco que estava boiando à margem da corrente.

—Foi muita bondade sua . . . o tronco podia sentir frio ali no escuro—resmungou papai.

A água estava correndo, a noite havia caído e o casaco já estava muito longe.

—Como é?—perguntou.—Você pensa que êle vai voltar correndo para a sua mão?

—Estou com mêdo—balbuciei.

—Bobagem! Você só vai molhar os pés—disse êle.—Se não apanhar o casaco, eu lhe ponho em cima dos joelhos e lhe dou umas boas palmadas na parte meridional exposta. É melhor ir.

Com o coração na mão meti-me dentro da água e apanhei o casaco. Foi fácil, como êle sabia que seria. O mêdo, êle aprendera bem cedo, desaparece quando o enfrentamos resolutamente.

Quando papai foi viver na mata era um rapazinho do campo, tímido e frágil, quase sem instrução.

—Naquela mata espessa—recordaria mais tarde—a pessoa podia perder-se. Ou podia encontrar-se. Dependia da pessoa.

Lá longe nas solidões verdes papai tinha encontrado recursos dentro de

si mesmo. Quando voltou era um homem.

Naquele tempo não havia estradas nos lugares aonde êle ia, nem mesmo bons mapas. Perto do ângulo de cada divisão da mata havia uma árvore marcada a machado, indicando a exata subdivisão governamental e geográfica. Era a “árvore-referência”, a partir da qual o avaliador de madeira tomava a sua direção. Com a bússola na mão, êle começava a sua caminhada. Uma milha—2.112 passos iguais—conduzia-o de um lado ao outro de uma seção; o mesmo número trazia-o de volta. Caminhava para diante e para trás, fazendo cálculos de cabeça. Rios, árvores caídas, animais selvagens ou moitas impenetráveis podiam bloquear o caminho aqui e ali, mas êle logo voltava à sua linha, seguindo um trajeto reto desde a sua árvore-referência.

Êsse preceito iria servir a meu pai em tudo quanto fazia.

—Encontre a sua árvore-referência, saiba para onde vai e ande em linha reta—dizia êle aos filhos, sem nunca deixar de acrescentar:—Vocês têm o sentido que Deus deu aos gansos. É só usá-lo.

No Natal em que fiz 12 anos êle me deu um machado.

—Isso pode fazer de você um homem—disse êle.—Êle não faz o trabalho todo, mas pode ajudar.

Separou um tronco de abeto e picou-o destramente em gravetos finos como papel.

—Escolha paus de fibra reta—disse êle—e faça cortes seguros.

A lição seguinte veio quando eu estava rachando lenha. Levantei o machado sem cuidado, e êle me caiu na cabeça. Corri para casa com o sangue jorrando. Logo que viu que o ferimento não era grave, papai comprimiu os lábios com irritação.

—Agora você ficou sabendo que isso racha cabeças duras também— disse êle.—Se tudo que há aí dentro não escorreu para fora, na próxima vez você talvez preste atenção ao que está fazendo.

Em seguida fêz um curativo no ferimento e me mandou de volta para o serviço.

Isto era a dura casca do homem, disposto a fazer com que os filhos estivessem preparados para enfrentar a vida. Só quando cresci percebi de que fibra reta e forte êle era feito. Tive dela uma rápida visão ao ler uma carta que êle escrevera anos antes para minha mãe.

Êle e dois companheiros tinham sido mandados avaliar madeira na costa do Pacífico. Um pescador os deixou na praia com provisões para três semanas. Papai levava um saco de farinha de trigo de 25 quilos, outros tantos quilos de conservas, uma garrafa de uísque “medicinal” e um machado leve. O plano era seguir para o interior acompanhando o leito de um rio gelado. “Era uma correntezinha irritante”, escreveu êle. “Às vêzes tínhamos de atravessá-la com água acima do peito. Passávamos por cima de árvores caídas, ajudando-nos uns aos outros.” Após oito

horas de duro percurso, chegaram a um local de acampamento num pequeno promontório de areia e pedregulho, onde foram atacados por nuvens de mosquitos. “Arrancamos galhos de murta para fazermos nossas camas, e nelas nos enroscamos, encharcados, com roupa e tudo. Na manhã seguinte tínhamos o rosto frio e molhado e os olhos tão inchados que não podíamos abri-los, por causa das picadas dos mosquitos. Se não fôsse pelas crianças aí em casa, garanto a você que eu teria deixado a tarefa para outro.”

Na manhã seguinte arrancaram mata adentro. Trepando num tronco todo coberto de musgo, papai jogou o machado para a frente, e naquele instante o tronco se esmigalhou de baixo dêle e o machado, desviado de um ramo, deu-lhe um fundo corte no joelho.

“Senti o sangue esguichar e fiquei com o estômago embrulhado. Eu poderia voltar coxeando até ao acampamento e esperar os outros, mas a perna poderia ficar dura e isso atrasaria a viagem. Todos nós precisávamos do dinheiro. Levantei-me e prossegui. Quando encontrava no caminho uma árvore caída, tinha de pegar a perna com as duas mãos e levantá-la até ela passar por cima. Como doía, meu Deus! Naquela noite arrastei-me para o acampamento, molhado, cansado e doente. Mas aprendi que as dificuldades não podem vencer-nos se não permitirmos que nos amedrontem.”

Embora nunca tivesse sido dog-

màticamente religioso, papai tinha tendências espirituais que se manifestavam no amor à natureza e numa sensação de ser uma espécie de administrador de suas munificências. Em 1908 deteve-se nas escarpas da cidade de Oregon para estudar o que naquela época era um projeto revolucionário. As fábricas de papel estavam plantando mudas de choupos do Canadá para substituir as árvores que haviam derrubado para polpa. Grupos de trabalhadores estavam limpando trechos de terra com parelhas de cavalos e cuidando das mudas como se fôsem árvores frutíferas. A natureza econômica de papai rebelou-se contra aquilo. "Há um jeito melhor de fazer isso", disse êle consigo mesmo, e se empregou ali como capataz. Despediu as turmas de empregados que estavam limpando o terreno e instalou um motor auxiliar a vapor num trator, o qual arrancava com facilidade os troncos já desganhados. Êstes êle usava como combustível. Em seguida plantava as mudas em renques certos e bem espaçados, e, como não gostava de desperdício, plantava batatas entre as fileiras—a primeira colheita a ser transformada em dinheiro.

O projeto de reflorestamento foi abandonado quando os choupos foram substituídos por coníferas como fonte de polpa. Alguns dos choupos de meu pai acabaram sendo usados para folheado na indústria de móveis. Alguns outros ainda estão lá, em grandes bosques meditativos—testemunhos daquele antigo projeto

precursor de restauração da terra.

Depois que eu e os outros três filhos nascemos, mamãe instou com papai para que aprendesse uma profissão liberal.

—Um espírito capaz de compreender as florestas é capaz de coisas maiores—insistia ela.

Êle ficava ouvindo, mascando o charuto. Ia ser uma luta, com a família para criar, mas afinal disse que aceitaria o desafio se ela estivesse disposta. Noite após noite êle chegava em casa exausto e mergulhava nos livros de Direito até quase ao alvorecer. Então, com a idade de 37 anos, colocou sua placa na porta, cheio de esperança.

Mais tarde foi eleito juiz de paz e passou a ter de usar gravata e colarinho alto e engomado. Um dia foi levado à presença de papai o cidadão mais importante da localidade, o cunhado dêle, acusado de excesso de velocidade. A família tinha feito tudo para que o Tio Tom não tivesse de ser levado às barras do tribunal por uma infração tão sem importância. Mas para meu pai a lei era clara como a indicação da bússola, e seu código—o caminho direto e sem desvios do madeireiro—estava sendo pôsto à prova.

Encarou seu parente com serenidade.

—Tom—disse êle—você sabe qual é a pena. Preencha um cheque com a importância da multa máxima.

Tio Tom se encrespou todo, pronto para brigar. Mas um olhar de meu pai fê-lo mudar de idéia. Ao

Elegância marcante em cada momento de sua vida

À sua escolha...



azul marinho, para reuniões...



cinza claro, esportivo...



marron listado, moderno e muito distinto...



trama em xadrez, de várias tonalidades modernas...



Diversos são os instantes de sua vida... Mas, o que não pode mudar é a sua impecável apresentação... aquela despreocupada e elegante aparência que só a superior qualidade do Tropical Maracanã pode lhe oferecer. De padronagem moderna e cores firmes, o insuperável Tropical Maracanã apresenta uma textura fina e uniforme, devido ao processo de "vitalização", que assegura o mais perfeito beneficiamento e tingimento do tecido. Apresente-se sempre bem, optando pelo inconfundível Tropical Maracanã.

Tropical
Maracanã
VITALIZADO



FABRICA DE TECIDOS MARACANÃ S. A. — Caixa Postal, 2922 — Rio

sair do tribunal, observou em tom atravessado:

— Êsse homem é o parente mais incorruptível que alguém já teve como autoridade.

Eu me encontrava no tribunal, um dia, quando um guarda de caça apareceu conduzindo prêso um velho matuto que estava comendo carne de veado fora da época. Papai tinha vivido no mato e eu esperava que êle fôsse mandar soltar o homem sem tomar conhecimento da infração, mas em vez disso aplicou-lhe uma multa de 50 dólares.

Depois eu lhe perguntei:

— Onde é que aquêle pobre homem vai arranjar 50 dólares?

— O idiota devia ter pensado nisso antes— respondeu papai.

A verdade é que êle não sabia transigir entre a lei e a sua consciência—mas o pagamento da multa está suspenso até hoje.

Papai nunca se afastou das premissas básicas.

— Estude. Dê um honesto dia de trabalho. Economize para os maus tempos. Proceda com dignidade.

Talvez fôsse tão intransigente assim com respeito à instrução porque sua infância de filho de sitiante lhe dera poucas possibilidades, para se instruir. Não tolerava que eu e minhas irmãs tivéssemos preguiça fizessemos gazeta ou brincássemos em aula.

— Para qualquer coisa que você fizer na escola o castigo em casa será dobrado—êle me admoestava.

E era mesmo, numa época em que

a gente cortava a vara com que ia apanhar. A professora ainda se conseguia tapear com um pedaço de galho sêco, mas com papai tinha de ser vara de aveleira.

Êle nos ensinou a ser independentes. Quando a família ia pescar trutas, as meninas tinham de limpar os peixes que pegassem. Se chegávamos a uma corrente mais forte papai se metia na água e dava um jeito de atravessar; nós, crianças, podíamos ir atrás—e ser arrastados pela correnteza—ou usar “o sentido que Deus deu aos gansos” e procurar um ponto onde pudéssemos passar.

—Ninguém é esperto—dizia êle—enquanto não conhece suas próprias limitações.

Uma excursão anual era para êle uma peregrinação sentimental. Uma semana antes do Natal—ou mais de uma semana se havia neve—saíamos todos para as colinas cobertas de abetos.

—Cada um escolha sua árvore—gritava papai.

Mas as que nós crianças escolhíamos eram sempre pequenas demais ou não tinham a forma perfeita. O Natal era uma ocasião importante: árvores pequenas não estavam à altura, na opinião dêle. Êle sempre cortava uma maior e mais bonita do que ousávamos esperar, e tocávamos para casa, para o ritual do enfeite.

Mamãe adoeceu no Natal em que eu completei nove anos. Tínhamos arranjado a nossa grande árvore e já estávamos começando a voltar para casa quando papai retrocedeu para

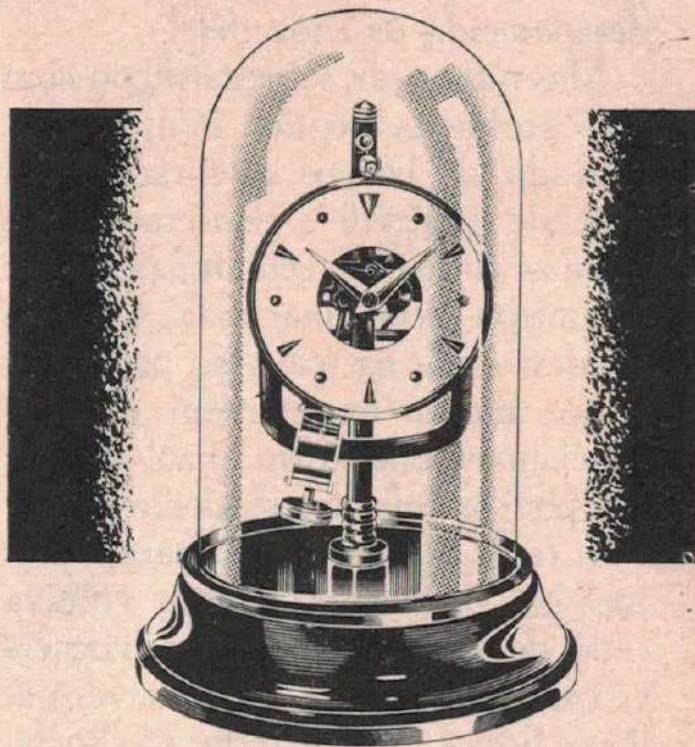


Na era
atômica...

ALTO CLOCK

1.000 dias

O relógio de mesa mais perfeito do mundo



3 Anos sem parar e sem corda!

Resultado de anos de pesquisas nos centros relojoeiros da Europa, ALTO CLOCK possui as características revolucionárias da época da energia nuclear. Elétrico, sem curto-circuito e sem corda, trabalha quase 3 anos (1.000 dias) sem parar!

ALTO CLOCK é acionado por uma pilha sêca de fabricação especial, isolada com betume, que garante a indispensável impermeabilização e torna-o insensível às variações atmosféricas.

- Garantia efetiva da fábrica
- Inteira mente fabricado no Brasil
- Assistência técnica permanente
- Venda avulsa de pilhas

À VENDA NAS BOAS CASAS
distribuidores exclusivos:

ERGEBLO

Jóias e Relógios S. A.

Rio: S. José, 90 - Grupo 2004/5

S. Paulo: Líbero Badaró, 92-2.º and.

o mato. Com grande espanto nosso, cortou outra árvore—pequena mas linda.

—Para o quarto dela—disse êle; e nunca iríamos esquecer aquela árvorezinha.

Poucos meses depois ela morreu. Papai nunca mais cortou nem preparou outra árvore. O Natal havia desaparecido da vida dêle.

Mas nunca nos sobrecarregou com seus problemas, então, nem depois. Quando os bancos quebraram, na crise de 1930/40 e perdemos tudo quanto tínhamos economizado, êle se limitou a trabalhar mais. Quando foi derrotado na reeleição para juiz, fomos morar na margem do Rio Clackamas, onde com anzol e linha em poucos minutos se podia pescar uma truta ou um salmão para o jantar. Na primavera sempre voltava cedo de seu escritório de advocacia e, cercado de suas galinhas vermelhas, ficava trabalhando na horta. Plantava legumes e flôres: suas dálias conseguiram alguns prêmios nas feiras municipais.

Um dia chegou uma carta de um velho amigo dêle que era então prefeito da cidade litorânea de Newport. “Precisamos de auxílio”, dizia êle. “Os impostos não vêm sendo cobrados direito há muitos anos, e a cidade está quase falida. Quer vir?” Papai aceitou o emprêgo. Os vencimentos eram pequenos, e não havia dinheiro quando chegou a época de eu ir para a faculdade. Mas êle me ensinara a cuidar de mim mesmo.

—Projete o seu curso—disse-me

—e não deixe que coisa alguma o desvie dêle.

No dia da colação de grau êle estava lá para me apertar a mão.

—O seu objetivo foi alcançado—limitou-se a dizer.

Depois que os filhos cresceram e saíram de casa, as necessidades de papai eram muito pequenas: um pedaço de terra para sua horta e jardim, um rádio para êle ouvir o noticiário esportivo e um carro velho para suas caçadas ocasionais. Sua advocacia dava para isso e lhe deixava bastante tempo livre.

Um dia recebi um telefonema do médico dêle. O velho e valente coração de papai tinha trabalhado demais, em longas caminhadas através do sertão, em muitas noites de acampamento no frio e na chuva, em muitas horas à cabeceira de filhos com crupe. Enquanto um avião me levava para o norte naquela noite, eu sentia um pêso no coração, antevendo um velho cansado e talvez aterrorizado.

Encontrei papai sentado no seu leito de hospital, com um charuto apagado entre os dedos. Tinha estado a conversar com o homem do leito ao lado, contando-lhe histórias de madeireiros, e o homem ria. Papai acenou para mim como se eu fôsse alguém que se tivesse aproximado para ouvir.

Quando acabou, voltou-se para mim:

—Fui até aos portões de pérola—disse êle com um sorriso—mas estão muito ocupados lá com meus velhos

amigos. O Porteiro disse: "Vá para casa: Oregon é um lugar tão bom como o céu."

Quando teve alta, o médico lhe disse que fechasse o escritório de advocacia. Papai fechou as portas, mas deixou um aviso dizendo que continuava à disposição dos clientes em casa. Recusou-se a desistir do jardim e da horta.

—O homem precisa ver coisas crescerem—resmungou.

Alguns meses depois foi caçar veados nas montanhas. Fiquei sobressaltado quando soube, mas o médico disse:

—Pode ser um bom remédio. De qualquer modo, é a única coisa que o matuto do seu pai deseja.

Papai ficou por lá três semanas, caçando um pouco, comendo o que êle próprio preparava no acampamento, aproveitando a vida como fazia quando era môço.

Papai nunca chegou a ter muito dinheiro nem viajou muito, globalmente falando. Mas lá no meio da mata virgem encontrou a chave do contentamento do antigo avaliador de madeira: a fôrça para olhar para a frente sem medo, e olhar para trás sem arrependimento.



Letreiratura de Televisão

LETREIRO numa oficina: "Vendemos, instalamos e consertamos aparelhos de televisão. Não nos responsabilizamos pelos programas."

—Joe Plicke, citado por Walter Davenport, em *Collier's*

LETREIRO acima da mesa de um dirigente de televisão: "Neste gabinete com elogio não se consegue nada a não ser subir." —*Vogue*

Ao SAIR para o almôço, o gerente de emissora de televisão notou indolentemente que o nível da água do bebedouro de água engarrafada estava muito baixo. Quando voltou, havia ali um letreiro, que dizia: "Apanhe água para o café e para beber no banheiro. Até à próxima entrega de água, vamos guardar a que ainda existe para tomar pílulas."

—Joseph Kaselow, em *Herald Tribune* de Nova York



Regras Áureas

QUANDO o embaixador da China Nacionalista, Hollington Tong, e sua espôsa celebraram suas bôdas de ouro, o embaixador forneceu estas duas regras para um casamento feliz:

A espôsa deve amar menos e compreender mais o marido.

O marido deve amar mais a espôsa e nunca procurar compreendê-la.

—*Post and Times Herald* de Washington